

Sammy José É isto aí

O candidato não precisa do partido; o partido não precisa do candidato. Sendo assim, o senador amapaense (PMDB) José Sarney, reconhecendo que não tem "espaço político" na legenda com a qual governou o País no sombrio quinquênio 1985/90, que rematou a década perdida dos anos 80, negociará seu ingresso em nova agremiação. *Entre les deux mon coeur balance*, dirá o político maranhense, dividido, ao que tudo leva a crer, entre o PP e o PTB.

Como no Brasil todos os partidos são semelhantes, tanto faz, como tanto fez. O sr. Sarney nada acrescentará a progressistas ou a petebistas, da mesma forma pela qual "pepistas" e petebistas nada lhe darão; e ele terá de se submeter à consulta às urnas, em 1994, para que o povo diga o que lhe pareceram o Plano Cruzado, o Plano Bresser e o Verão, a moratória da dívida externa, a ampliação da despesa de pessoal da União por causa do expediente da contratação de gente (muita gente) pela CLT e o abandono a que o Poder Executivo condenou a elaboração da Constituição de 1988, intervindo nos trabalhos de que decorreu a promulgação dela apenas para *defender* o mandato de cinco anos, por processos que foram devidamente denunciados — e em função dos quais conseguiu permanecer por um lustro no Planalto.

A democracia tem o mérito de permitir julgamentos como esse a que se quer submeter o sr. José Sarney. Bem dizia dela Churchill: "É o pior dos regimes, com exceção dos demais". Se o senador quer passar pelo crivo da sentença das urnas, que seja. É de esperar que lhe faça justiça. Curioso é que todos os candidatos ao pleito que ocorrerá a 3 de outubro vindouro têm até a próxima sexta-feira para confirmar seu domicílio eleitoral. Qual deles preferirá declinar o ex-presidente da República? O do Maranhão ou o do Amapá? No dia 9 de janeiro tais pretendentes ao mandato eletivo já terão optado por uma agremiação. No dia 2 de abril os que ocupem funções de confiança no Executivo estarão desincompatibili-

zados, se não lhes faltar *animus elegendi*. Depois, as convenções falarão.

O que for escolhido agora será o sexto partido de Sarney, praticamente. José Sarney se filiou à UDN, nos idos tempos. Sobrevin-

A caminho de sua sexta legenda, o sr. José Sarney quer ser de novo presidente da República

do o bipartidarismo artificial decretado no bojo do AI-2, de 27 de outubro de 1965, vinculou-se à Arena. Passou pelo *Ersatz* dela, o PDS. Tomou o rumo certo para ingressar no PFL quando imergiu no

PMDB para ser vice de Tancredo Neves; e lá ficou, congelado, por causa da morte trágica do estadista mineiro. Agora, dirige-se a novo aprisco. Cabe fazer votos para que seja feliz!

As pesquisas lhe conferem uma certa notoriedade, como eventual candidato à chefia do Executivo. De que valerão essas que se fazem neste momento, tão distanciadas da abertura das urnas? Quem poderá afirmar que a aparente fortuna de nomes que vêm à imaginação dos que são consultados não assenta na circunstância de não haver alternativas definidas? Uma coisa é certa: a dança terá ritmo intenso, candidatos e autocandidatos correndo à caça de agremiações que estão de portas escancaradas para recebê-los a fim de, acolhendo-os, fechar-se em seguida, orgulhosas de haverem recebido muitos, em vez de se satisfazer por terem captado os melhores. Por exemplo, chegando ao Senado nas asas do MDB fluminense, o sr. Nelson Carneiro mudou para o PTB, agregou-se ao PMDB, que agora abandona para obter a proteção do PP. Eis o começo do troca-troca que nos próximos 12 dias os artistas promoverão, para deliciar a platéia.

Cumprir formular votos para que, desta vez, ela delibere de acordo com a ficha de cada um deles, quase todos já bastante identificados, provados, conhecidos, sabido o que é capaz de dar de si. Ninguém se espante com o que vai acontecer. Como é o caso do senador Pedro Simon, que ouviu do sr. José Sarney, recentemente, que em hipótese alguma deixaria o PMDB. A sabedoria popular já deve ter cunhado com as palavras adequadas o quadro descrito: é isso aí.

29 DEZ 1993

ESTADO DE SÃO PAULO